

## JOSÉ BONIFÁCIO, O LITERATO (\*).

---

Ao estudioso da História da Literatura Brasileira não pode passar despercebido o marasmo do espírito nacional no fim do século XVIII, particularmente depois da desgraça dos poetas da Escola Mineira, como se tôdas as energias brasileiras se reunissem, temperando-se para nova investida mais forte e mais feliz.

Temendo a ação dos literatos na pregação de idéias da independência política pela qual ansiava o povo brasileiro, o Vice-Rei Conde de Rezende mandara adotar poderosas medidas, entre as quais a de dissolver qualquer sociedade que no nosso país tivesse fitos literários. Por êsse motivo desapareceram do panorama da literatura brasileira da época as Arcádias e Academias, restando apenas um ou outro nome de escritores individuais que sobressaem sôbre a mediocridade geral. Entre êles avultam os do Padre Souza Caldas, da Escola Fluminense (embora Camilo Castelo Branco, na sua teima de considerar portugueses os brasileiros nascidos nos tempos coloniais, o considere "o maior que tiveram portugueses na poesia sacra"), Hipólito da Costa São Carlos, Natividade Saldanha, Frei Bastos Barauna, Ferreira Barreto e Tenreiro Aranha.

E' nessa época que floresce a figura genial de José Bonifácio de Andrada e Silva, o glorioso Patriarca da Independência, cujo segundo centenário de nascimento o Brasil inteiro e especialmente a cidade de Santos, seu berço natal inesquecido, com orgulhoso júbilo comemoram êste ano.

Em Santos fêz José Bonifácio os seus primeiros estudos, indo aos catorze anos para São Paulo, onde durante três anos freqüentou cursos de Filosofia e Retórica e se dedicou ao estudo de línguas vivas, sabendo-se que mais tarde, como informa Edgard de Cerqueira Falcão, em interessante estudo, "chegou a falar corretamente seis idiomas e a compreender per-

---

(\*) — Palestra proferida na Rádio Atlântica, de Santos, a 28 de maio de 1963  
(Nota da Redação).

feitamente onze”. Entre os mestres que teve em São Paulo, o Bispo Dom Frei Manuel da Ressurreição, que lhe ensinou francês, ficou tão impresionado com a inteligência do menino que procurou induzi-lo a entrar para a carreira eclesiástica. Com isso não concordaram o maior interessado, José Bonifácio, nem sua família, que já percebiam no jovem espírito vislumbres do gênio político, científico e literário que o fariam célebre.

Em 1783 seguia José Bonifácio para Portugal, para estudar em Coimbra, como faziam em geral os rapazes brasileiros de posse e de ambição, e na famosa Universidade das margens do Mondego fez os cursos de Direito e de Filosofia Natural, colando os graus de Bacharel em ambas as especialidades em 1787. Apesar de excelente aluno, dos mais distintos e distinguidos do seu tempo, ao alto espírito de José Bonifácio não podiam deixar de causar espécie os vícios do estudo e aquilo que constituia, ao ver dos estudantes, o ranço das tradições coimbrãs; assim é que nasceu, em colaboração com o também estudante brasileiro Francisco de Melo Franco, saído da pena de José Bonifácio, o poemeto herói-cômico **O Reino da Estupidez**, divulgado em 1785, com grande escândalo, revolta dos lentes e gáudio da estudantada. Evidentemente o poema não foi assinado pelos apontados autores, mas a sua autoria parece fora de dúvida pela referência direta de Fernandes Pinheiro no seu **Curso Elementar de Literatura Nacional** e principalmente pelo confronto dos versos de **O Reino da Estupidez** com a poética de José Bonifácio, a violência da sua frase, o anti-lirismo dos seus vocábulos, a ilustração que seria em tudo um dos apanágios do futuro Patriarca da nossa Independência.

Saído da Universidade, em Lisboa procurou José Bonifácio ingressar nas rodas literárias, de acôrdo com o seu temperamento; mas a isso se opôs a fama da sua cultura, do seu temperamento de cientista relacionado com múltiplos assuntos, da mineralogia ao direito, da sociologia à retórica. E amparado pelo Duque de Lafões, grande nome na sociedade portuguesa da época, o jovem José Bonifácio, recebido como membro da Sociedade de Ciências de Lisboa logo se tornava conhecido e aplaudido em todos os meios da Europa estudiosa. Era o tempo, diz Ronald de Carvalho, em que os velhos jogos da dialética medieval e sorbonista cediam o passo às investigações experimentais, às teses científicas, às teorias positivas; em que os Volta, os Mesmer, os Lavoisier e os Priestley co-

meçavam a reagir contra o empirismo radical de Diderot e d'Alembert. "A física deixara de ser, como no tempo de Voltaire, uma simples diversão para espíritos fartos de literatura e intrigas diplomáticas; na França rugiam os **sans culotte** e a Europa inteira preparava-se para estremecer diante da realeza sanguinolenta de Robespierre".

Foi nesse ambiente que José Bonifácio se abeberou das lições do velho mundo, ganhando a experiência que sempre lhe serviu para dominar os homens.

Sem ter pròpriamente um temperamento poético, sendo muito mais um estadista e um cientista, desde cêdo entretanto José Bonifácio se dedicou à poesia, e dela fêz um galardão do seu talento, tanto que é de 1825, quando o inverno da vida já lhe havia embranquecido os cabelos e os desgostos já lhe haviam devastado a alma, a edição dos seus versos, **Poesias Avulsas**, publicada sob o pseudônimo de Américo Elísio. Sua poesia é vigorosa, enérgica e violenta, às vêzes satírica e naturalista, com todos os atentados da sátira e do naturalismo ao bom gôsto literário, outras vêzes arcádica, imbuída de Anacreonte, cantando o vinho, o amor e as rosas:

Moço, bebamos: enche o copo, bebe.  
Já novas rosas novo aroma espargem.  
Eia, ligeiros ao jardim desçamos,  
de Nise asilo.

No canto escuro do rosal cheiroso  
a Baco brinda, como aqui lhe brindo;  
Brinda aos amores, que co'as rosas voltam  
e com elas brincam.

A vida acaba; muda-se a fortuna,  
que bens e males sem juízo espalha;  
Os que hoje existem, amanhã não vivem:  
Amemos hoje.

Na poesia madura de José Bonifácio o sorriso corrige o remoque dos primeiros tempos, a ironia mansa sobrepõe-se à fúria injuriosa, mas seus gritos de alma são sinceros, arraigados profundamente em seus sentimentos de homem já bastante vivido e experiente, que não se deixa iludir pelos modismos passageiros e artificiais.

Em 1825 estava êle exilado em Bordéus, depois de ter sido o máximo fator da independência brasileira, depois de ter ocupado os mais altos postos políticos do Império, banido e velho,

amargando as saudades da pátria. Por isso em muitos dos seus poemas publicados então nota-se a ardência do seu amor à terra natal e a violência da sua execração aos seus governantes. A **Ode aos Baianos**, nesse sentido é uma forte página política, poema autobiográfico de real interesse.

Grande valor deve ser emprestado às **Poesias Avulsas** de Américo Elísio, não apenas por ter sido o livro que retrata a alma do velho Patriarca das liberdades brasileiras, mas por ser, historicamente, o primeiro livro da escola romântica publicado por brasileiro.

Nota-se, na poesia de José Bonifácio, o espírito neo-clássico e a sua preocupação de traduzir com fidelidade tanto os pré-românticos ingleses, como Young e Macpherson, como os mais recônditos significados de Hesíodo, Píndaro e Meleagro. A êsse respeito é muito curiosa a **Advertência** à tradução de uma das **Olimpicas**, publicada por José Bonifácio em **Poesias Avulsas**: “Para podermos traduzir dignamente a Píndaro, ser-nos-ia preciso enriquecer primeiro a nossa língua com muitos vocábulos novos, principalmente compostos... como por exemplo: Auricomada, Roxicomada, Boquirubra, Bracirósea, Olhinegra, Olhiamorosa, Argentípede, Tranciloira, Docirisonha, Docifalante, etc., etc...”. Basta esta lista de vocábulos criados por José Bonifácio para mostrar a evolução do seu espírito, a independência das suas idéias, a coragem de enfrentar a estética literária da língua na ocasião, com a mesma liberdade que preconizava para a vida e para a política. É o temperamento de cientista de José Bonifácio que dá à sua poesia uma reconhecida falta de pudor do ato amoroso, até então velado, o que se evidencia em vários dos seus poemas como **Epigrama imitado de Bernard**, **A Ausência** e a **Paráfrase de parte do Cântico dos Cânticos**. Mas é também êsse amor pela verdade e pela natureza que lhe inspira os versos de **Uma Tarde**, escritos em Santos, considerados por muitos dos seus críticos como o seu melhor poema, forte e bela descrição de um crepúsculo frio.

Além das poesias reunidas em 1825, José Bonifácio produziu vários discursos históricos publicados pela Academia Real das Ciências de Lisboa, e cartas e apontamentos sobre muitos assuntos, que pelo estilo podem e devem ser considerados obras literárias, em que pese o valor do seu conteúdo científico, político e sociológico, e deixou uma coleção preciosa de autógrafos sobre as mais variadas questões, que se encontram na Biblioteca Nacional aguardando um estudioso que

os queira examinar como uma possível e valiosa fonte para a obra literária de quem tão grande foi sempre em tudo quanto fêz.

“José Bonifácio, homem monumento, homem três monumentos, um pela ciência, outro pela poesia, outro pela glória de patriarca da independência da pátria, José Bonifácio rei de três corôas, viveu, floresceu, resplandeceu e morreu sendo o admirável símbolo da simplicidade estupenda, do desinterêsse inexcedível, da probidade brilhante sem jaça e do patriotismo acrisolado”, foi o que sôbre José Bonifácio de Andrada e Silva disse Joaquim Manuel de Macedo, em 1875, no Ano Biográfico Brasileiro. Que êsse conceito, escrito há quase um século por uma das glórias da literatura brasileira, seja uma definição do que êsse Andrada realmente representa dentro do nosso coração e da nossa consciência.

**OLIVEIRA RIBEIRO NETO**  
da Academia Paulista de Letras.